

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE		CÓDIGO DA FICHA					
		PA	03	03	09	F11	01
		UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Microrregião do Salgado Paraense
LOCALIDADE	Vigia
MUNICÍPIO / UF	Vigia/PA

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Um dos principais terminais pesqueiros do Estado, o porto da Vigia movimenta boa parte da economia da região.
Foto: Equipe INRC/Carimbó (jan, 2009).

A cidade é reconhecida pela história da região contada através de suas edificações coloniais.

Foto: Equipe INRC/Carimbó (jan, 2009)



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****03****03****09****F11****01**

Igreja de Pedra – Capela do Senhor dos Passos.
Obra jesuítica do século XVIII.

Com a expulsão dos jesuítas, por ordem do Marquês de Pombal, esta construção, da primeira metade do século XVIII, ficou inacabada. Nessa época foi transferida a imagem de Bom Jesus, da Igreja Madre de Deus para a capela em construção que tomou o nome de Capela do Senhor dos Passos.

A capela é toda feita em pedras sobrepostas e sem reboco. Foi construída pelos jesuítas com mão-de-obra indígena.

Foto: Equipe INRC/Carimbó (Jan, 2009)



Ruas de vigia: estreitas, ladeadas de casarões que rememoram os tempos coloniais. ao fundo, a Igreja Matriz Madre de Deus.

Foto: Equipe INRC/Carimbó (jan, 2009).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	03	03	09	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE

Vigia é um município em que a religiosidade é marcante, manifestando-se através das seguintes festas: Festividade de Nossa Senhora de Nazaré, com o tradicional Círio, considerado o segundo do Estado; Festa de São Pedro; Festa do Divino Espírito Santo; e a Festa de Nossa Senhora da Conceição.

Nos meses de fevereiro e junho ocorrem os principais eventos que contribuem para a divulgação, em todo o Estado, do patrimônio cultural da população vigiense. Em fevereiro, são promovidos concursos de blocos carnavalescos, enquanto que, em junho, acontecem os arraiais juninos. Nessas ocasiões, são promovidas apresentações dos grupos de bois-bumbás, pássaros, quadrilhas juninas, conjuntos de carimbó (anteriormente chamado de “zimba” em algumas localidades), entre outros.

No Município, existem três bandas de música: 31 de Agosto, União Vigiense e 25 de Dezembro, estas bandas são marca característica do município pela grande quantidade de músicos profissionais e em formação.

Os produtos do artesanato local são: peças tecidas em lã, tamancos, redes e currais de pesca, pequenas embarcações e outros apetrechos de pesca. Merece destaque, ainda, a produção de fogos de artifício, que atende a demanda nas festas religiosas de Vigia, bem como de Belém e de outros municípios paraenses.

Os equipamentos culturais de que dispõe o Município são constituídos por uma Biblioteca Municipal, mantida pela Sociedade Literária e Beneficente 5 de Agosto, teatros, cinema, um Museu de Arte Sacra e uma Casa da Cultura.

Vigia possui um patrimônio histórico significativo do qual fazem parte a Igreja de Madre Deus, a Capela do Senhor dos Passos, a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré (Matriz), a Igreja de São Sebastião, O Trem de Guerra (casarão onde funcionou um quartel, na época da Cabanagem), a Praça da Independência e o Monsenhor Argemiro Pantoja, além de várias casas coloniais.

A literatura é um ponto alto do Município. Em Vigia nasceram, viveram e vivem várias personalidades de literatos, dentre eles: Domingos Antônio Raiol, Barão de Guajará, foi presidente das províncias no século XIX do Pará, Ceará, Paraíba e São Paulo, autor de alguns clássicos da história, como “Motins Políticos”, tornando-se historiador de renome no Brasil; Ângelo Neves, historiador; Teodoro Rodrigues Vilhena Alves, destaque na gramática, na poesia e no magistério, pertenceu à Mina Literária e Academia Paraense de Letras; Alves de Sousa, brilhante jornalista, que chegou a dirigir o jornal “O País”, no Rio de Janeiro; Bertoldo Nunes, professor, poeta, jornalista, abolicionista e republicano; Araújo Nunes e Otávio Pires, educadores e intelectuais respeitados; Manoel Saraiva, jornalista e poeta; José Belém Neto, poeta; Marcionilo Alves, jornalista, poeta, educador, fundador do ginásio “Bertoldo Nunes”; Isidoro de Castro, mestre de música vigiense, que compôs o dobrado “Saudades da minha terra”; Serafim Riol, músico, que deixou várias peças compostas; José Ildone Soeiro, membro da Academia Paraense de Letras, poeta e autor de vários livros: “Chão D’Água”, “Luar no Tempo” e “Romanceiro da cabanagem”.

Fonte: SEPOF. Estatísticas Municipais – Vigia – 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****03****03****09****F11****01****4. DESCRIÇÃO****OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.****4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO**

População: 43.847 habitantes (IBGE, contagem da população 2007)

Área da Unidade Territorial: 543 km².

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,73

População urbana: 28.006 (70%) (IBGE, 2000)

População rural: 12.170 (30%) (IBGE, 2000)

Taxa de analfabetismo: % acima de 15 anos: 13,60

Localização da Sede Municipal: 0° 51' 46" de latitude sul e 48° 07' 51" de longitude a Oeste.

Distâncias: o Município dista 77,67km da capital do Estado.

Gentílico: vigiense

LIMITES

Ao Norte – Oceano Atlântico e Município de São Caetano de Odivelas

A Leste – Municípios de São Caetano de Odivelas e Castanhal

Ao Sul – Município de Santo Antônio do Tauá

A Oeste – Município de Colares e Baía do Marajó

O Município de Vigia pertence à mesorregião Nordeste do Pará e à microrregião do Salgado. Pode-se chegar ao município utilizando a via terrestre partindo de Belém pela BR-316, PA-140 e PA-412 em percurso que dura em média 2hs.

Vigia atualmente é um dos principais terminais pesqueiros da região, desta forma, a economia do município está baseada na pesca tanto artesanal quanto industrial. Na agricultura, a plantação de mandioca, principalmente para a produção de farinha, é o segundo item mais comercializado no município, o qual ainda possui um pequeno comércio varejista que emprega parte da mão-de-obra na sua zona urbana.

A infra-estrutura do município ainda não consegue atender a maior parte de sua população, onde apenas 41,7% dos domicílios recebem água tratada e apenas 1,62% dos mesmos possuem rede de esgoto, sendo a fossa rudimentar a saída para a maioria da população local. Como é característica comum dos municípios da região, não existe tratamento de lixo, sendo o mesmo queimado a céu aberto ou depositado em terreno baldio.

A rede educacional está presente em quase todas as localidades do município e observa-se uma queda no índice de analfabetos no decênio 1991-2000, onde neste ultimo ano 14,88% da população de 7 a 14 anos de idade, não possuem nenhum tipo de escolaridade, o mesmo acontecendo para 17,61% da população acima dos 25.

A rica cultura do município está associada às manifestações populares tradicionais que ainda podem ser encontradas como as festividades religiosas (o Círio de Nossa Senhora de Nazaré é o mais antigo do estado com mais de 300 anos), os grupos de carimbó, os cordões de pássaros, as quadrilhas juninas, além de um número considerável de escritores e poetas que contam em verso e prosa a história de uma das localidades mais antigas do Estado do Pará.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	03	03	09	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Vigia é um dos municípios mais estudados pelos historiadores brasileiros, devido sua história marcada pelos seus monumentos edificadas como a Capela do Senhor dos Passos, conhecida como Igreja de Pedra construída por missionários Jesuítas ainda no século XVIII; seus casarios de estilo colonial; suas ruas estreitas que marcaram o início do processo de urbanização portuguesa na Amazônia; enfim, toda uma paisagem urbanística onde, parte dela ainda se mantém preservada, ajudando a contar um pouco da história local. Foi também em Vigia que viveu Domingos Antônio Raiol conhecido como o “Barão do Guajará”, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, no século XIX, e um dos maiores historiadores paraenses, responsável pelo maior acervo documental sobre a cabanagem.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

ASPECTOS FÍSICO-TERRITORIAIS

VEGETAÇÃO

A cobertura vegetal original da terra firme, composta pelo subtipo Floresta Densa dos baixos platôs, pela ação dos desmatamentos foi substituída pela Floresta Secundária, atingindo esta vários estágios de regeneração. Nas planícies aluviais (sujeitas a inundação), onde não existe influência salina do mar, ocorre florestas de várzeas e as matas ciliares.

Nas proximidades das embocaduras dos rio e no litoral predominam os manguezais.

SOLOS

No Município estão presentes manchas de Latossolo Amarelo distrófico, textura média e Gley pouco úmido distrófico, textura argilosa. Também, há a presença de Podzol Hidromórfico e do Latossolo Amarelo distrófico, textura média.

PATRIMÔNIO NATURAL

A alteração da cobertura vegetal natural era de 92,50%, segundo trabalho realizado com imagens LANDSAT-TM, do ano de 1986. O único ecossistema virgem é o manguezal, onde se devem elaborar trabalhos ecológicos com a finalidade de preservá-lo.

Recomenda-se a preservação dos rios Barreta, Açaí, Betuba e Guarima, assim como o furo da Laura ou Guajará-Miri.

TOPOGRAFIA

Os valores altimétricos medianos são inexpressivos, uma vez que o Município está localizado, praticamente, ao nível do mar, com sede municipal apresentando valores em torno de 6m, havendo pequenos acréscimos de cotas mais para o sul de seu território.

GEOLOGIA E RELEVO

Com características peculiares da Mesorregião a que pertence, Vigia não foge à regra da estrutura geológica dos Municípios das Zonas Bragantina, Salgado e Guajarina, onde ocorrem sedimentos do terciário (Formação Barreiras), e do Quaternário Antigo e Recente. Este último é mais incidente na porção que se volta para o mar (baixadas semi-litorâneas) e, também, nos terraços e várzeas dos cursos d'água existentes.

A compartimentação do relevo é apenas uma decorrência do modelo da estrutura geológica apresentada, constituída pelos tabuleiros ou baixos platôs pediplanados e rebaixados, localizados nas áreas de Formação Barreiras, pelos terraços e várzeas, que constituem os níveis mais baixos, inseridos na unidade morfoestrutural que constitui o Planalto Rebaixado da Amazônia (do Baixo Amazonas).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****03****03****09****F11****01****HIDROGRAFIA**

Destaca-se na hidrografia do Município o furo da Laura, braço de rio que faz limite oeste com o Município de Colares. Para esse furo convergem vários rios e igarapés do Município, a saber: o rio Bituba ou Patauateua, que serve de limite com o Município de Santo Antônio do Tauá; o rio Baiacu, ao sul; o rio Guarimã e seus afluentes, entre os quais há Santa Maria (margem esquerda) e o Curuçazinho (margem direita); e o rio Açaí. Desaguando no Atlântico há o rio barreta, que serve de limite nordeste com o Município de São Caetano de Odivelas. Há também um pequeno trecho do Braço Esquerdo do rio Marapanim, à sudeste, sem muita expressão hídrica, que serve de limite com o Município de Castanhal.

CLIMA

O Município apresenta clima equatorial do tipo Af, segundo a classificação de Koppen. Apresenta temperaturas médias de 27° C, sendo dezembro o mês mais quente. A amplitude térmica é mínima e o clima é amenizados pela proximidade do oceano. A precipitação pluviométrica é relativamente elevada, com cerca de 2.770mm. os primeiros seis meses do ano são os mais chuvosos. Quanto à disponibilidade de água no solo, o excedente este entre os meses de fevereiro e março, sendo que os de maior deficiência são os meses de setembro e outubro.

Fonte: SEPOF. Estatísticas Municipais – Vigia – 2008

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Vigia possui um patrimônio histórico significativo do qual fazem parte a **Igreja de Madre de Deus**: em estilo barroco, do século XVIII, é tombada pelo IPHAN. Alguns pesquisadores acreditam que seja a única no Brasil com 22 colunas laterais de origem Toscana. É denominada pelos habitantes como “Igreja do Bom Jesus”; **Capela do Senhor dos Passos**: construída no século XVIII em pedra sobrepostas e sem reboco. Construída pelos jesuítas com mão-de-obra indígena. É conhecida como “igrejinha de pedra” pelos moradores do local; **O Trem de Guerra**: casarão onde funcionou um quartel, na época da guerrilha da Cabanagem. Neste prédio, durante a revolta da Cabanagem, vereadores da Câmara de Vigia foram aprisionados e massacrados (década de 1830). Atualmente funciona a Câmara Municipal do Município; **Poço dos Jesuítas**: construído no século XVII, antigo local de abastecimento de água dos jesuítas; **Praça da Independência**; além de várias casas coloniais.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

As origens do município de Vigia remontam à ocupação do território pelos índios Tupinambás que no local fizeram uma aldeia denominada Uruitá. Entretanto, a colonização do território, realizada entre os anos de 1645 e 1654, é atribuída a D. Jorge Gomes d’Alamo, que recebera de D. João V as terras onde se situa a atual sede municipal.

Devido a posição do território, o Governo Colonial percebeu a necessidade de criar um posto fiscal para proteger as embarcações que vinham de Belém. Desta utilidade adveio-lhe o nome atual de Vigia.

Em 1693, foi outorgado a Vigia foros de Vila e constituído o respectivo Município, cujo patrimônio territorial foi-lhe concedido por carta de Sesmaria, em 25 de agosto de 1734.

Contudo, segundo o historiador Palma Muniz, foi o padre José Lopes, provincial de Companhia de Jesus, de acordo com o Ato Régio, de 11 de maio de 1731, quem obteve permissão para construir a primeira casa, no

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	03	03	09	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

local que depois transformou-se em templo e que ainda hoje perdura, com suas pinturas afrescos, quadros e imagens.

Com a expulsão dos jesuítas, pelo efeito da Lei Pombalina, uma Carta Régia de 11 de junho de 1761, transformou Vigia em Paróquia secular, para qual foram doados os livros de Companhia de Jesus.

Vigia conservou a sua categoria de Vila até a independência do Brasil.

O primeiro Senado da Câmara de Vigia data de 1753 e a primeira Câmara Municipal eleita, segundo a Lei Geral de 1828, foi presidida por Carlos Sebastião Delgado. O período da Cabanagem passou-se durante o exercício da segunda Câmara (1833-1836), tendo como presidente Serafim dos Anjos Ferreira.

Com a criação dos Termos e Comarcas de Província do Pará, em 1833, o Município de Vigia constituiu em Termo compreendendo a área de São Caetano, a Vila Nova d'El Rei e a Vila de Colares. Em 1824, pelo Decreto Lei nº207, de 1º de agosto, constitui Termo separado sob a jurisdição de um juiz municipal.

A Lei Provincial nº252, de 2 de outubro de 1845, elevou o Município de Vigia à condição da Cidade, sendo instalada de imediato.

Em 1871, com a Lei Provincial nº6774, de 21 de setembro, obteve a categoria de Comarca, classificada de 2ª entrância.

Com a Lei nº1152, de 4 de abril de 1883, Vigia perdeu a Freguesia de Colares, constituída em Município, depois extinto e, de novo, incorporado ao primitivo, em 1901.

Com a proclamação da República, a Câmara Municipal de Vigia fez sua adesão ao novo regime. Pelo Decreto nº32, de 5 de fevereiro de 1890, o Governo Provisório do Estado extinguiu a Câmara Municipal e, na mesma data, criou o Conselho de Intendência Municipal; segundo o Decreto nº33, do mesmo ano, nomeou como presidente Francisco de Moura Palheta.

Pela Lei nº752, de 25 de fevereiro de 1901, o Município de Vigia recuperou o território que havia perdido para Colares, devido à extinção deste último. Já pelo Decreto Estadual nº78, de 27 de dezembro de 1930, Vigia teve o seu território ampliado em função da extinção de São Caetano de Odívetas.

No quadro da divisão administrativa relativo ao ano de 1933, Vigia figura constituído somente pelo distrito-sede. Pelo Decreto-Lei de 1938, o Distrito de Santo Antônio passou a chamar-se de Santo Antônio do Tauá. O município de Vigia teve o desmembramento de parte de suas terras para constituir o Município de Santo Antônio do Tauá, conforme Lei nº1127, de 11 de março de 1955, a qual foi considerada inconstitucional, no mesmo ano, pelo Supremo Tribunal federal. Porém, segundo a Lei Estadual nº2460, de 29 de dezembro de 1961, esse desmembramento concretizou-se para criar os Municípios de Santo Antônio do Tauá e Colares.

Atualmente, o Município é constituído pelos distritos de Vigia (sede) e Porto Salvo.

Fonte: SEPOF. Estatísticas Municipais – Vigia – 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****03****03****09****F11****01****5.2. CRONOLOGIA**

DATA	EVENTO
1645 e 1654	Colonização do território, atribuída a D. Jorge Gomes d'Alamo, que recebera de D. João V as terras onde se situa a atual sede municipal.
1693	Foi outorgado a Vigia foros de Vila e constituído o respectivo Município, cujo patrimônio territorial foi-lhe concedido por carta de Sesmaria, em 25 de agosto de 1734.
1731	Segundo o historiador Palma Muniz, foi o padre José Lopes, provincial de Companhia de Jesus, de acordo com o Ato Régio, de 11 de maio de 1731, quem obteve permissão para construir a primeira casa, no local que depois transformou-se em templo.
1761	Transformação de Vigia em Paróquia secular, para qual foram doados os livros de Companhia de Jesus depois da expulsão dos mesmos por ordens do Marquês de Pombal.
1753	Primeiro Senado da Câmara de Vigia.
1828	Primeira Câmara Municipal eleita, presidida por Carlos Sebastião Delgado.
1833-1836	Período da Cabanagem
1833	O Município de Vigia constituiu em Termo compreendendo a área de São Caetano, a Vila Nova d'El Rei e a Vila de Colares.
1824	Pelo Decreto Lei nº207, de 1º de agosto, constitui Termo separado sob a jurisdição de um juiz municipal.
1845	Com a Lei Provincial nº6774, de 21 de setembro, obteve a categoria de Comarca, classificada de 2ª entrância.
1883	Vigia perdeu a Freguesia de Colares, constituída em Município
1901	O Município de Colares é extinto e, de novo, incorporado a Vigia.
1890	O Governo Provisório do Estado extinguiu a Câmara Municipal e, na mesma data, criou o Conselho de Intendência Municipal; segundo o Decreto nº33, do mesmo ano, nomeou como presidente Francisco de Moura Palheta.
1901	Pela Lei nº752, de 25 de fevereiro, o Município de Vigia recuperou o território que havia perdido para Colares, devido à extinção deste último.
1930	Pelo Decreto Estadual nº78, de 27 de dezembro, Vigia teve o seu território ampliado em função da extinção de São Caetano de Odívelas.
1955	O município de Vigia teve o desmembramento de parte de suas terras para constituir o Município de Santo Antônio do Tauá, conforme Lei nº1127, de 11 de março, a qual foi considerada inconstitucional, no mesmo ano, pelo Supremo Tribunal federal.
1961	A Lei Estadual nº2460, de 29 de dezembro, concretiza o desmembramento para criar os Municípios de Santo Antônio do Tauá e Colares.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE

PA

03

03

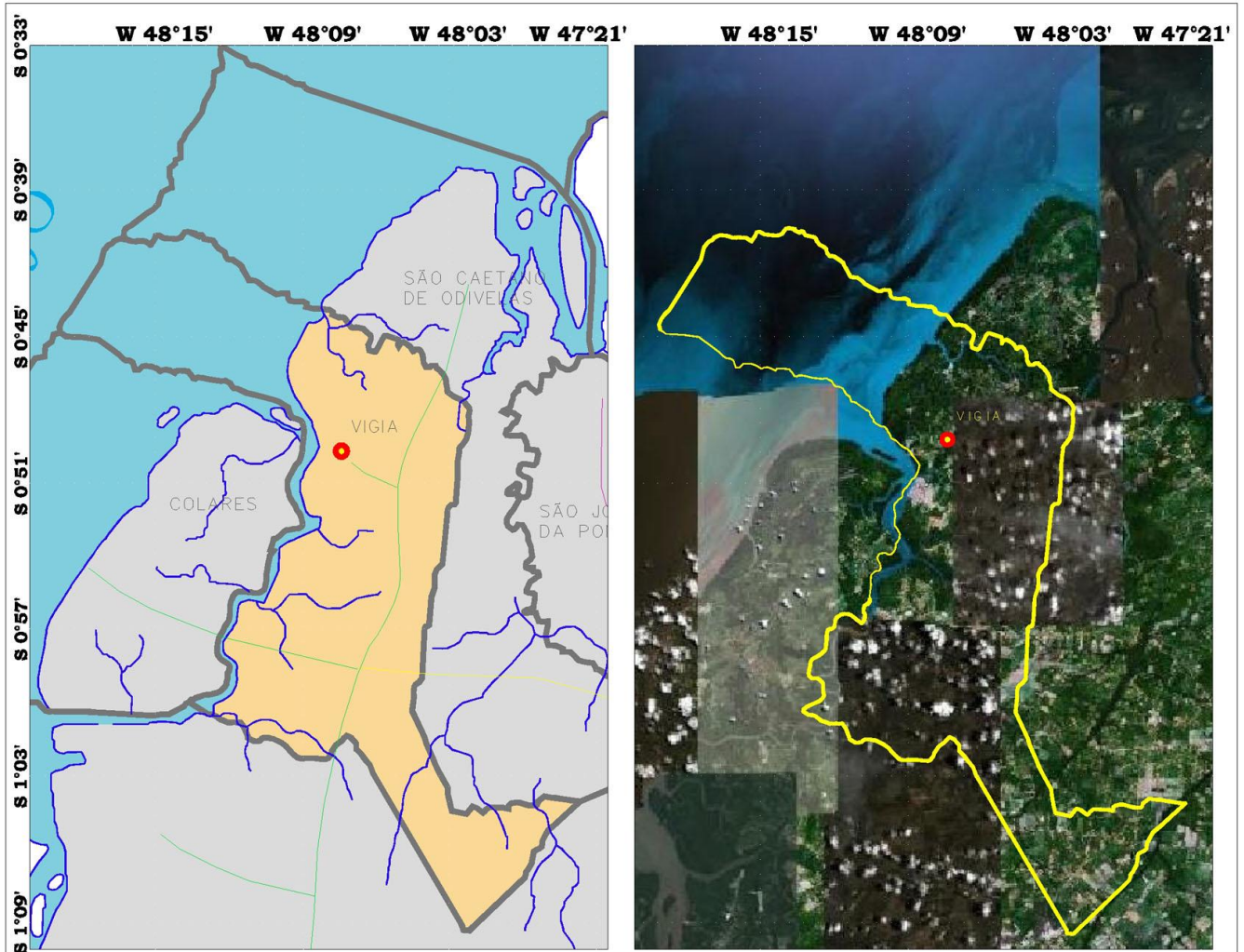
09

F11

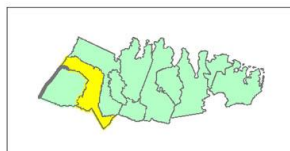
01

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

CARTA-IMAGEM DO MUNICÍPIO DE VÍGIA - ESTADO DO PARÁ



MICRO-REGIÃO DO SALGADO



ESCALA



CONVENÇÕES

- Sede Municipal
- Localidades
- Limites municipais
- Rod. pavimentadas
- Rod. duplicadas
- Rod. planejada
- Rod. implantadas

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Título:

Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC/Carimbó

Referências:

Fonte: Ministério dos Transportes / Mapa Rodoviário do Pará
Fonte 2: Map Link / Tele Atlas

Adaptação: Isis Jesus Ribeiro

Ano:

2009

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****03****03****09****F11****01****7. LEGISLAÇÃO****INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO**

Não foram encontrados.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS**8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES**

A história do carimbó em Vigia é vinculada à localidade do Tauapará, onde existiu um engenho de cana-de-açúcar que pertenceu a Domingos Antônio Raiol, o “Barão do Guajará”, grande proprietário de terras, dono do engenho, historiador e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Muitos dos antigos tocadores de carimbó do município são descendentes de avós escravos que trabalharam neste engenho e relatam que o negro depois do trabalho seja no canavial, na olaria ou no engenho de cachaça ia direto para o carimbó, antes conhecido na localidade por “Zimba”.

Apesar de terem sido identificados um número relativamente pequeno de grupos de carimbó, o município de Vigia mantém uma forte identificação com este bem cultural sendo considerado um dos mais importantes ícones da cultura local pelos seus habitantes. No entanto, este discurso aparenta está mais relacionado à memória que se tem desta manifestação quanto a sua efervescência em tempos anteriores. A referência do carimbó de outrora é justificada pela grande importância atribuída ao carimbó (ou zimba) durante os principais festejos da região quando da existência de dezenas de grupos espalhados pela mesma. Tal fato ainda é corroborado pela importância histórica de Vigia, uma das primeiras áreas ocupadas por colonizadores que implantaram fazendas na região onde se utilizou o trabalho do escravo negro. Dessa forma, o carimbó em Vigia possui um enraizamento nas tradições orais que remontam o século XVIII e está relacionado ao movimento do trabalho escravo nas fazendas de cana-de-açúcar e cacau da época.

Tal importância histórica tem levado pesquisadores sempre ao município de Vigia na busca por informações sobre este e outros bens culturais que fazem do local um importante entreposto cultural do litoral do Estado. Diante disso, há significativos esforços de uma parcela da população, notadamente professores, escritores e artistas em geral de informar sobre a importância dos aspectos materiais da cultura do município (museus, igrejas, palacetes, casarões coloniais, sobrados, etc) e dos aspectos imateriais (manifestações tradicionais: bois, pássaros, carimbó, literatura e literatos locais, etc). No entanto, se percebe certa fragilidade das ações de preservação por parte da gestão pública de cultura do município. Este fato pôde ser constatado pelos relatos dos entrevistados, bem como pela análise do calendário cultural do município e a prioridade às atrações de grandes eventos em detrimento dos grupos locais.

Os poucos grupos de carimbó que ainda restam no município possuem uma dinâmica comum aos grupos do restante da região: tocam em função de contratos e em pequenos festejos nas localidades do interior. Não se identificou qualquer referência de grupos que possuam alguma relação com festividades religiosas. O principal período de apresentações está concentrado no mês de junho devido à quadra junina, no entanto se restringem aos eventos folclóricos da prefeitura local e saída para outras localidades mediante contrato. As queixas são comuns quanto a falta de apoio dos órgãos gestores de cultura do município e ao repasse de cachês muito baixos quando de alguma apresentação para este órgão. Além disso, há uma ressalva feita quanto à dificuldade de se encontrar músicos de sopro para acompanhar os grupos, mesmo Vigia possuindo bandas tradicionais com dezenas de instrumentistas. Tal situação é analisada pelo professor José Ildone: “hoje as bandas estão elitizadas, tocando Brahms e Mozart, porém muitos instrumentistas do passado tocavam, em brincadeira de bar, o carimbó”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	03	03	09	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7.2. RECOMENDAÇÕES

Propõe-se uma análise mais aprofundada das informações contidas neste levantamento preliminar do carimbó no município de Vigia por parte dos órgãos públicos responsáveis pela área cultural do município, bem como das esferas estadual e federal com o intuito de maior entendimento do processo e da dinâmica cultural desta manifestação, para em seguida, formular ações de política pública qualitativas de valorização e fomento da mesma.

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	PA 03 03 09 F11 A3
ANEXO 4: CONTATOS	PA 03 03 09 F11 A4
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Edgar M. Chagas Jr., Andrey Faro de Lima, Marta Geórgia de Souza		
SUPERVISOR	Edgar M. Chagas Jr.		
REDATOR	Edgar M. Chagas Jr.		DATA Junho de 2009
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Superintendência do Iphan no Pará		